

---

## A AUTO-ECO-ORGANIZAÇÃO NA FORMAÇÃO ÉTICA E EMOCIONAL DO PROFESSOR FACE À INSEGURANÇA ARMADA NAS ESCOLAS

Lucimar Pertile  0000-0009-0002-8781

Me. Ana Lídia Paixão e Silva  0000-0002-1531-5140

Me. Franciele Zaleski  0000-0003-3230-9697

Dra. Ana Paula Caetano  0000-0003-2481-5215  
Universidade de Lisboa

**RESUMO:** A profissão docente, no atual contexto de fragilidade das relações familiares, sociais e escolares, impactada pela pobreza e pelo intenso fluxo de informações, tornou-se um campo de tensões e incertezas. Esse cenário exige formação continuada dos/as educadores/as, desafiando-os a assumir posicionamentos político-educacionais, especialmente diante de políticas públicas como o projeto de lei em tramitação no Congresso, que propõe o uso de armas letais em escolas. Adotamos como referencial teórico as perspectivas da complexidade e auto-eco-organização de Edgar Morin (2005), articulada às perspectivas ético-educacional e formativa, para problematizar processos dialógicos de formação no contexto docente. Investigamos a relação entre ética pessoal e profissional, questões deontológicas e dimensões emocionais em situações dilemáticas como o armamento para vigias escolares. Os dados analisados foram produzidos a partir das reflexões de professores de diferentes níveis de ensino, destacando brasões representativos dos valores, emoções e projeções de atuação dos participantes. Enfatiza-se a necessidade de formações que articulem dimensões emocionais e éticas em resposta a políticas públicas que afetam diretamente a segurança e a prática pedagógica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Formação ética de professores; Auto-eco-organização; Educação emocional; Política armamentista nas escolas.

### THE SELF-ECO-ORGANIZATION IN THE ETHICAL AND EMOTIONAL FORMATION OF TEACHERS TOWARDS ARMED (IN)SECURITY IN SCHOOLS

**ABSTRACT:** Currently, Brazilian society faces some volatility and fragility in social, family and educational relations influenced by the impact of socioeconomic and cultural poverty, and the intense flux of information. In this scenario, being a teacher became a field of uncertainties and struggles, where educators need to seek for continuous education and position themselves in relation to public policies, such as, the (in)security in schools towards the use of guns. Thus, the aim of this article is to discuss a teacher training experience which relates personal and professional ethics, deontological issues and emotional dimensions in a situation that is defined as a great dilemma for schools and their professionals. The theoretical grounds for this discussion is informed by Edgar Morin (2005), as well as ethical educational and formative views to analyse the dialogic processes in the education of a group of teachers from various teaching levels, focusing on ethical and emotional issues in their daily lives, regarding the use (or not) of guns in schools. Based on their reflection upon the issue as data, I present the results of this analysis, including their values, emotions, and projections towards their performance as participants in this process.

**KEYWORDS:** Ethical teacher education; Self-eco-organization; Emotional education.



## 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por finalidade contribuir na docência escolar a partir dos conceitos de educação emocional, ética na profissão docente, e a deontologia (Baptista, 2005) no processo de formação continuada dos professores, partindo da premissa que as emoções saudáveis contribuem para o desenvolvimento das habilidades e competências educativas. Essa temática por sua vez será transpassada pela reflexão a respeito da proposta de lei em tramitação no Congresso Nacional sobre o armamento nos ambientes escolares como meio de (in)segurança.

Para justificar essa contribuição buscou-se embasamento na teoria da complexidade e no conceito de auto-eco-organização de Edgar Morin (2005) como “sistema” onde os mesmos, se (des)organizam considerando como processo natural no qual o educador se encontra e se relaciona com a “topografia” onde atua.

Nessa perspectiva, a formação da consciência enquanto pressuposto ético depende tanto de ações hetero-organizativas do docente, quanto de ações de promoção da autonomia do meio educacional, a exemplo do sistema aberto (interação).

Esse movimento intrínseco ao processo de educar, constituem a auto-eco-organização (pessoal e profissional) na complexidade do ser docente (Morin, 2005; Baptista, 2005). O desafio, no entanto, está para o ordenamento de ideias e clareza ética, evitando as cegueiras ou as simplificações de processos. O propósito não está para descrição dos tipos de sistemas, mas apontar, descrever o princípio que possibilita o entendimento de aspectos relevantes na formação continuada do docente, sendo um deles a interação com o meio e um segundo a autonomia do educador.

Baptista (2005) aponta que a ética tem uma proeminência indiscutível na axiologia do educar e na orientação das atividades pedagógicas quando diz que “a



ética corresponde a um modo de ser com e pelo outro sem razão e, eventualmente, contra a razão” (Ibidem, p. 25) base da deontologia profissional docente.

Conforme pondera Lima Dias (2012) a ética do docente se reflete no belo exercício pedagógico a realizar, “pois é através de suas concepções sobre o humano, o bem, a justiça e a verdade que a deontologia se explicita como conjunto de deveres, compromissos morais, razões comunicadas e políticas” (Ibidem, p. 253) e requer responsabilidade e alteridade para evitar reducionismos e simplificações, o que exige do docente competências e habilidades.

Nesse sentido, se pretende demonstrar como a auto-eco-organização (Morin, 2005) pode ser: a) Caminho possível de referência para uma ética docente, para a identidade pessoal e profissional (deontológica, b) Contribui para humanização nos ambientes e a convivência escolar pautadas pela ética nas relações (ensinar-aprender e aprender-ensinando) o que o autor denomina de “unitas multiplex - unidade na diversidade” (Morin, 2001, p.55). c) Caminho de diálogo ético em prol da segurança educacional no seu sentido pleno quando o outro se coloca na perspectiva da acolhida, da aceitação do diverso - sujeito ético responsável.

Fundamentado na pesquisa bibliográfica e numa investigação qualitativa-indutiva, este artigo é uma contribuição da participação dos membros do GRUPEE (Grupo de Pesquisa em Educação Emocional) coordenado por um grupo menor(autores) através da produção de brasões representativos, pautando a reflexão sobre a questão das emoções, da ética e da (in)segurança nas escolas, bem como a sugestão de tramitação de proposta de lei do armamento nas escolas a partir de referenciais colhidos: a) valores e virtudes na esfera pessoal, b) valores e virtudes na esfera profissional. c) leis e direitos profissionais, d) emoções do docente, e) o que está em jogo quando se fala em “armamento nas portarias das escolas”? f) o que se pode fazer?



## 2 METODOLOGIA

### 2.1 CONTEXTO E PARTICIPANTES

O GRUPEE constitui-se como um grupo de estudos na área das emoções, vindo a fazer um trabalho de aprofundamento sobre “educação emocional nas relações entre ética pessoal e profissional e as emoções”, desde 2016 (Loss; Lyra, 2023, p.11), pautado também por temas socioeducacionais da atualidade, como neste a proposta de tramitação de projeto de lei Nacional sobre a segurança armada nas escolas, uma vez que a insegurança é um dos tópicos problematizados pelos educadores.

No ano de 2022-2023 assumimos o foco na relação entre emoções e ética e realizamos várias sessões conjuntas de Auto-Eco-Formação onde em subgrupos organizou-se apresentação de temas, obras sobre a temática e dinamização de debates/ realização de práticas oficinais que perpassam toda a cadeia estrutural e estruturante da docência escolar.

Morin (2005, p. 88) define Auto-Eco-Formação como:

O princípio da auto-eco-organização tem valor hologramático: assim como a qualidade da imagem hologramática está ligada ao fato de que cada ponto possui a quase totalidade da informação do todo, do mesmo modo, de certa maneira, o todo, enquanto todo de que fazemos parte, está presente em nossa mente. A visão simplificada diria: a parte está no todo. A visão complexa diz: não só a parte está no todo; o todo está no interior da parte que está no todo. Essa complexidade é diferente da confusão de que o todo está em tudo e reciprocamente.

No caso do nosso grupo, partimos dos capítulos 1 e 2 da obra de Isabel Baptista (2005) “Dar Rosto ao Futuro: a educação como compromisso ético”, e intitulamos nossa sessão de “Ética na formação pessoal, social e profissional”, por onde caminharam a temática das emoções, do armamento e da (in)segurança.



Entendemos que a inteligência emocional não é uma dimensão inata ao ser humano, e sim um processo que ocorre por meio da inter-relação e construção da intersubjetividade e da subjetividade humana e que se desenvolve por via da comunicação, pensamentos, raciocínios, conhecimentos, experiências pessoais e comunitárias, sendo que as emoções e à docência escolar dialogam e se interpelam, onde uma complementa a outra, ponto de imersão do processo da auto-eco-organização.

Segundo Morin (2005, p. 33) a auto-eco-organização se destaca porque:

Enquanto o sistema fechado não tem qualquer individualidade, nenhuma troca com o exterior, e mantém relação muito pobre com o meio ambiente, o sistema auto-eco-organizador tem sua própria individualidade ligado a relações com o meio ambiente, muito ricas, portanto, dependentes [...] o sistema auto-eco-organizador não pode pois bastar-se a si mesmo, ele só pode ser totalmente lógico ao abarcar em si o ambiente externo.

Nesse sentido, a topografia do educador ocorre neste ambiente onde o meio interfere e determina o ato axiológico do educador, inclusive sua práxis pedagógica.

Na ocasião participaram da sessão por nós (autores) dinamizada 19 (dezenove) professores de diversos níveis de ensino, psicólogos, pedagogos, terapeutas e conselheiros tutelares.

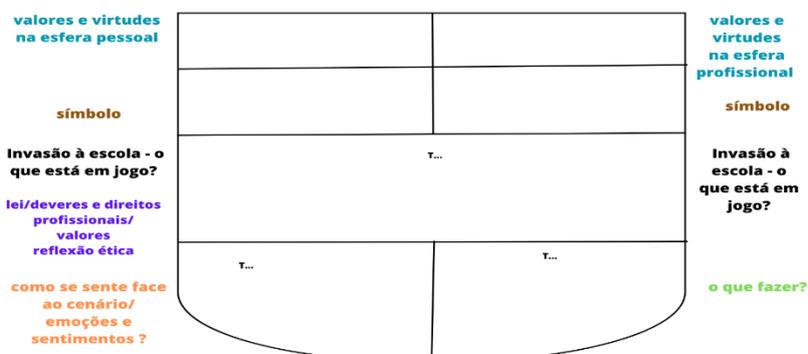
## 2.2 PROPOSTA METODOLÓGICA – O BRASÃO

Adaptou-se uma proposta de André de Peretti (Figura 1), trabalhada por um coletivo internacional de investigadores em que uma das autoras tem participado, liderada por Louis Basco, da Universidade de Avignon (França), e no qual se procura aprofundar os valores e práticas culturais em contextos escolares, familiares e religiosos (e.g.: Basco; Cote, 2011), proposta que foi reorganizada já no campo da educação emocional com estudantes do ensino superior (Caetano, 2023). O brasão constitui um símbolo de identidade, de apresentação perante os outros dos princípios



e valores que defendemos, começando pelos sentidos de vida e da profissão, princípios, valores e virtudes que assumimos como mais importantes.

**Figura 1** – Proposta de brasão, a preencher em Canvas



Fonte: Adaptado de Basco; Cote (2011)

Considerando os subtemas da ética pessoal e profissional a que esta sessão fora dedicada, propusemos uma atividade de reflexão axiológica, deontológica e normativa, focada nos valores e princípios que defendemos, e para isso apelamos a uma explicitação dos valores e princípios considerados dominantes na esfera pessoal e profissional. Numa perspectiva de formação dialógica e participativa sugerimos aos participantes que trabalhassem em pequenos grupos e procurassem encontrar uma síntese comum. Pretendeu-se que a disposição em paralelo dos domínios pessoal e profissional tornasse claros os pontos de convergência e diferenciação entre essas dimensões e esferas, conscientizando que somos múltiplos e que os papéis que desempenhamos têm influência mesmo sobre aspectos tão profundos como os relativos aos valores e princípios (Morin, 2005). Nesta reflexão propusemos que se fizesse a relação com virtudes consideradas relevantes nessas esferas, complexificando o processo e assumindo a possibilidade de fazer a integração desta relação. O brasão é, por isso, organizado em várias partes, sendo o topo dedicado precisamente a esses valores e virtudes, nessas duas esferas, logo seguido por um espaço, embaixo, para colocar imagens simbólicas desses mesmos valores, princípios e virtudes (auto-eco-organização; auto-eco-formação).



Por outro lado, assumindo uma linha de ética contextualizada, pela qual importa uma reflexão ética sobre situações concretas, que implica uma problematização dos nossos pressupostos éticos em relação com singularidade dessas situações, propusemos que se debatesse nesses pequenos grupos um tema controverso e atual nas escolas brasileiras, apresentando a problemática da violência nas escolas e a proposta de legislação no sentido de favorecer a entrada de armas para defesa e segurança dos professores. Tratando-se de um grupo que pretende explorar as relações entre ética e emoções propusemos, ainda, que se explicitasse essas emoções, para entender como estas são influenciadas pelas dimensões éticas, mas também como apoiam a nossa sensibilidade ética perante as situações e as nossas decisões. Por outro lado, numa perspectiva de desenvolvimento da sabedoria prática, referida por Isabel Baptista (2005) no texto que serviu de mote à sessão, propusemos uma reflexão sobre formas de atuação com o propósito de lidar com a problemática mencionada.

### 2.3 APRESENTAÇÃO DO DILEMA\SITUAÇÃO PROBLEMÁTICA A ANALISAR

O sistema educacional brasileiro vivencia seus dias sobressaltado por tentativas e ações deliberadamente e ideologicamente equivocadas, tudo isso na esteira de tantos outros dilemas sócio-políticos e de comunicação social (*fake news*) que também envolvem o ato de educar e a escola, que por extensão envolve pais e professores e comunidade escolar confundindo a todos. Assim sendo, projetos de lei foram tramitados (apresentados) no Congresso Nacional, dentre eles o PL nº 1.449/2023 cuja proposta é a “guarda armada nas portarias das escolas públicas e privadas”, bem como de implementação de detectores de metais, aparelho de reconhecimento facial e segurança armada no entorno das escolas.

Diante desse cenário, o movimento é uma tentativa de resposta legislativa unilateral aos casos de violência e de ameaça nas escolas, o que para os educadores transformaria a escola em quartel, cuja finalidade de ser e existir deixaria de fazer



sentido, gerando uma crise que afeta o âmago da educação - desenvolver pessoas livres, autocríticas e conscientes do meio onde atuam.

Entretanto, a presidente da Comissão de Educação do Senado entende que esta forma de abordar o problema da invasão não traria sensação de segurança e proteção aos estudantes, quando afirma:

As pessoas estão confundindo segurança com proteção. Temos que proteger nossas crianças, corpo docente e o administrativo que trabalha nas escolas, porém não podemos confundir um ambiente escolar com um quartel. A escola é uma casa de educação, logo requer proposta que tenha caráter pedagógico e educativo” (Borges; Mendes, 2023).

Embora os processos educativos não ocorram apenas na escola, entretanto, nela encontramos um *locus* privilegiado de ressignificação. A escola é uma instituição social e como tal reflete a sociedade de seu tempo, trazendo as marcas da história. Miriam Abramovay, professora e pesquisadora da violência nas escolas, em entrevista à revista Instituto Humanitas – UNISINOS (RS) (Soares, 2023), observa que os estudantes (jovens) mudaram, porém, a escola ainda não acompanhou, e o demérito não compete apenas ao educador e sim ao contexto sócio-político que a escola foi imersa. Para a entrevistada, que é coordenadora da área de estudos e políticas da Flacso (Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais):

Há 50 anos, a escola pública era de elite. Nos últimos 20 anos, a escola se massificou. Essa mudança é muito difícil. São linguagens diferentes, pensamentos diferentes, formas de ação diferentes, com as quais a escola tem dificuldade de lidar (Soares, 2023).

Importante salientar que Morin (2001) de forma didática estabeleceu um conceito para esse tipo de realidade, nominado de “imprevisibilidade e de incerteza”, pontuando que a docência contemporânea carrega muitas incertezas dado que “as ciências permitiram que adquiríssemos muitas certezas, mas igualmente revelaram, ao longo do século XX, inúmeras zonas de incerteza” (Ibidem, p.16) que se somam à desconstrução individual, política, econômica e social do sujeito educacional,



afetando diretamente o modo de viver, de conhecer e do ser educador e educando, sendo necessário, como diz Morin (2001), reconhecer a imprevisibilidade.

Quando se analisa a violência armada, que chega nas escolas, sendo ela um dos componentes de complexidade e incertezas gerador de (in) segurança, se torna uma problemática que envolve a reflexão ética, a deontologia profissional e as políticas públicas de educação. Exemplo disso, é a chacina na escola de Suzano - São Paulo (2019) revelando que o *bullying* por si só não é fator para constituir indício de violência escolar, entretanto, mostra o perfil de uma sociedade preconceituosa e hostil para com seu semelhante.

Ainda segundo a pesquisadora Miriam Abramovay (Soares, 2023) outros indícios de ordem psicossocial precisam ser analisados, como por exemplo o caso da manipulação tecnológica (grupos de internet) cujo aprendizado e orientação de como proceder e onde comprar armas requer regulação na forma da lei das *bigtech* e a responsabilização pela informação.

Outro ponto importante, diz respeito a família que tem um papel primordial na saúde emocional e na autoestima do(s) filho(s) devendo acompanhar, observar suas redes de contato físico e tecnológico. Esse cuidado gentil também precisa ocorrer em ambientes familiares saudáveis e conscientes do seu papel psicossocial. Nesse sentido, Grisa (2014) observa que a expansão tecnológica aliada à expansão urbana sem planejamento e sem pensar o humano na sua complexidade e essência, tornou-se um dos fatores desencadeadores dos conflitos e guerras na história.

Miriam Abramovay defende que não se trata de achar culpados ou apelar para o recurso da força armada, e sim pensar na prevenção que consiste em elaborar políticas públicas e educacionais que permitam formular um plano de ação, no qual as escolas deveriam apontar o que consideram importante, tornando os atores da educação o centro para discutir e aprimorar políticas que favoreçam o diálogo e a enculturação (Ver nota de fim).

Em outras palavras, a docência escolar precisa repensar suas estratégias e suas ações sobretudo de inclusão das chamadas ciências da mente humana no seu



currículo pedagógico, como é o caso das neurociências (Damásio, 2018; Lipton, 2007; Goleman, 2012; Grisa, 2014). Precisa-se discutir como se quer melhorá-la, e isso passa por medidas preventivas, além de escolas dignas de profissionais competentes e comprometidos com o ofício de educar, com espaços decentes, recursos humanos, tecnológicos e financeiros.

Décio Azevedo Marques e Maria Leila sociólogos, observam que a (in)segurança não decorre de uma crise ética, de ausência de valores morais e sim do processo histórico de construção de uma hegemonia capitalista geradora de exclusão, marginalização de determinadas classes sociais (Marques; Alves, 2004).

Assim sendo, o GRUPEE (Grupo de Pesquisa em Educação Emocional) buscou elencar a reflexão da ética na docência escolar e o papel das emoções no cotidiano da educação frente a in(segurança) que não significa apenas estado emocional, mas neste transcende, pautado por algumas perguntas do tipo: A) Como você analisa a personalidade e a profissionalidade do educador neste contexto sócio-político-educacional, quando se trata do emprego de armas nas escolas? O que sente? B) Que deveres e valores associa a esta reflexão? C) O que é educar diante dos desafios atuais? Como atuar?

### **3 A AUTO-ECO-ORGANIZAÇÃO COMO CAMINHO PARA FORMAÇÃO ÉTICA E EMOCIONAL**

A profissão/missão chamada docência escolar, por natureza revela uma inquietude, e por isso necessita ser investigativa pois trabalha (deveria) com a alma e a matéria do ser pensante, cujos contextos, relações e saberes tensionam ainda mais o cotidiano da docência e do tão desejado aprendizado humanístico de que fala Baptista (2005, p. 43-44), dada a insegurança não só emocional no processo educativo:

[...] por mais incerto e imprevisível que o tempo “por vir” nos apresente, importa superar a “crise do futuro” que parece ameaçar hoje a vida social. É que, sem futuro, o presente fica mais pobre, e, em certa medida, ameaçado.



---

Precisamos do futuro para viver, compreender, conhecer e reinventar o presente.

Na atualidade verifica-se que a profissão da docência escolar requer, entre as várias habilidades e competências, um conjunto de aptidões e virtudes que incluem persistência, capacidade de automotivação, reflexividade ética, cuidado das emoções e uma visão multidimensional do seu papel social como ator, o que implica para Morin (2015, p.16) que “só o pensamento complexo nos permitirá civilizar nosso conhecimento e nossos saberes” para evitar o que chama de paradigma da simplificação.

A formação continuada se revela imprescindível pois transcende o meramente desafiador (ato de educar), oportunidade para o docente retroalimentar-se da ética pessoal e profissional como ator social, transformando o campo das relações, do de vir a ser da docência escolar – cuidado das emoções. Segundo Pereira (2015, p.158) estudos e pesquisas recentes acerca das emoções demonstram que:

[...] as emoções podem alterar as moléculas, células e influenciar nas escolhas e tomadas de decisões. Este mundo de emoções inconscientes precisa ser conhecido pelo seu autor, pois, dependendo de cada experiência emocional em relação a supostas interpretações de vínculo do passado e presente, pode estruturar de modo inconsciente uma neurose.

Na obra *Pedagogia do Oprimido*, Freire (1987, p. 57) salienta que todo processo que se nomeie educativo “envolve a investigação, a curiosidade e a transcende a um só tempo”, mas na medida em que a investigação faz parte do processo educativo, ela também deve ser concebida e pensada dialética e eticamente a partir do contexto psicossocial em que está inserido.

Para Morin (2001, p. 84) embora esse movimento “nova consciência” num primeiro momento sugira uma espécie de desordem ou incerteza na docência escolar, por outro lado aponta o mesmo (2005) que a auto-eco-organização\formação tem seu princípio na ordem e na desordem, próprio dos sistemas vivos, pois a ética não poderia ser ensinada por meio moralistas, mas “formar-se mentes com base na consciência



de que o humano é ao mesmo tempo indivíduo, parte da sociedade, parte da espécie” (Morin, 2001, p. 17).

Entretanto, tais fenômenos precisam ser norteados no saber e na prática docente de modo consciente, pois a docência não é um produto acabado.

Nesse sentido, no tocante à docência, a reflexão ética (pessoal, profissional) e deontológica é um processo básico para o reconhecimento do indivíduo enquanto sujeito autônomo, livre e organizado que, segundo Isabel Batista essa ética (2005, p. 07), requer a “construção de saberes que acolhe o outro e com ele dialoga no mundo dos possíveis”, tornando-o sujeito, sujeito cognoscente.

O conceito de auto-eco-organização proposto por Morin (2005) enquanto princípio organizador de um conceito ético na docência escolar, vem de encontro ao que Machado (2009, p. 13) preconiza quando aponta que uma “abordagem pedagógica amparada no paradigma da simplificação, na qual o papel do professor é apenas transmissor de conhecimentos já consolidados, não constrói sujeitos históricos”.

Morin (2003, p. 177) observa que “[...] ao aspirar a multidimensionalidade, o pensamento complexo comporta em seu interior um princípio de incompletude e de incerteza, assim como de imprevisibilidade”, dado que o ser humano é ao mesmo tempo biológico, psíquico, social, afetivo e racional, portanto, em permanente construção, e que o ato axiológico de educar não é um produto acabado, pronto.

Nesse sentido, salienta Morin (2005, p. 07):

O sistema auto-eco-organizador não pode bastar-se a si mesmo, ele só pode ser totalmente lógico ao abarcar em si o ambiente externo. Ele não pode se concluir, se fechar, ser auto-suficiente.

Waquil (2008, p. 26), observa:

Todo o conhecimento é processo auto-organizador, pois a dimensão cognitiva faz parte da dimensão organizacional da vida. A construção do conhecimento se faz a partir do autoconhecimento, para se chegar a uma consciência da realidade que o rodeia. Esse processo auto-eco-organizador



---

é a capacidade do sistema, concebido como uma organização viva, de transformar-se sempre, de reorganizar-se. Nesse processo, então, o sujeito transforma-se, constrói sua identidade e está sempre num movimento de aprendizagem.

### 3.1. PRINCÍPIOS DA COMPLEXIDADE PARA PENSAR A ÉTICA E A DEONTOLOGIA PROFISSIONAL DOCENTE FACE À (IN)SEGURANÇA NAS ESCOLAS

A docência escolar é provocada pela renovação por meio da construção de estratégias, ações e técnicas que preconizam a reforma do pensamento e das práticas, remetendo para uma “nova consciência” no campo educacional (Morin, 2011).

Entretanto, cabem duas perguntas: como reformular nossas práticas e ações ainda tão disciplinares e instrucionistas geradoras de “(in)segurança”? Como religar saberes para fugir dessa “patologia” ou cegueira educacional (Morin, 2005, p. 11) retroalimentada nos processos de formação docente pelo paradigma da simplificação e fragmentação das ciências?

Para Loss (2017):

O autoconhecimento permite o desenvolvimento das emoções, dos sentimentos, dos pensamentos de modo mais equilibrado, ou seja, no sentido de responsabilização pelas ações e atitudes tomadas perante a vida individual e coletiva. A responsabilização no ato de cuidar de si revela-se como dimensão ética (Loss, 2017, p. 68).

Entretanto, as emoções não podem ser mensuradas, senão mediadas.

Desvelando parte dos inúmeros desafios que afetam a docência e sua formação continuada, Morin (2005, p. 86) ajuda a indagar sobre a postura ética na educação destacando que “o problema ético fundamental posto pela sociedade que a política reformista não quis tratar, consiste em pensar se se pode melhorar as relações entre os seres humanos”. Nessa direção, como seria o meio ambiente, o indivíduo, a sociedade sem vínculos emocionais? Que proposta ou teorema pedagógico pode



propiciar um cuidar de si, do outro de forma inter e intrapessoal sem levar em consideração as emoções? É fato que as emoções não podem ser mensuradas, medidas como sistema fechado ou positivista.

Afirma Morin (2005, p. 07):

O pensamento complexo também é animado por uma tensão permanente entre a aspiração a um saber não fragmentado, não compartimentado, não redutor, e o reconhecimento do inacabado, da incompletude de qualquer conhecimento.

Deste modo, o conceito de auto-eco-organização enquanto proposta para formação continuada de professores, propõe uma nova maneira de compreender (que é muito mais que entender) a indissociabilidade entre o sujeito e o mundo, o educador, a aprendizagem e o educando, o eu e a realidade – princípio dialético-dialógico se torna a ponte para o processo auto-eco-formativo (organizativo) de fala Morin (2005, p. 74).

Essa forma de pensar pressupõe que a mente humana poderia desenvolver através da inteligência emocional, compreensão, criatividade, habilidades e competências – aptidões, o que sugere uma docência pautada pela ética, participação e interlocução dos atores da educação, e um currículo escolar mais integrativo e holístico onde as disciplinas hiper especializadas se abram e permitam a complexidade do pensar contemporâneo.

Morin (2007, p. 180) quando faz referência ao “unitas multiplex” oferece uma importante contribuição à deontologia e à ética, ou seja, de que a complexidade apresenta necessariamente a interação do sujeito do conhecimento e seu contexto (sujeito cognoscente), entre as partes e o todo, das partes entre si, entre a unidade e a multiplicidade, o que significa dar rosto, voz e liberdade ao sujeito da ação.

Nessa direção de Morin (2007) concebe-se que a docência escolar do século XXI ou “nova consciência” requer uma ação pedagógica que transcenda os aspectos cognitivos, psicológicos e culturais, padronizados (fechados) pela ciência tecnocrata



positivista e suas hiper especialidades, para atingir uma “expansão de consciência” naquilo que se refere Casassus (2009) nas palavras de Naranjo (2009, p. 9-10):

[...] o elemento decisivo para o entrelaçamento entre o nosso pensar, o nosso sentir e nosso querer era um quarto fator, de certo modo invisível, transpessoal e transcendente: a mente que ultrapassa os fenômenos mentais: O Espírito, o Tao, a Budeidade ou como se queira chamar. Eu prefiro chamá-lo de “o vazio [...] a mente expandida”.

Entretanto reafirmado na expressão de Grisa (2014, p. 20-21):

Religiões, filosofias e ciências, ao mesmo tempo em que atingiram um conhecimento mais amplo e estruturado do ser humano, da vida e do universo, enjaularam-se – guiados pelo automatismo mecânico do Subconsciente – esse conhecimento dentro das delimitações de seus interesses e das necessidades sociais e históricas.

Assim sendo, cabe à formação continuada o papel de retroalimentar uma ética pautada pelo princípio da complexidade e da auto-eco-organização onde a desordem provoque a ordem mediante a formação de sujeitos éticos capazes de liderar responsavelmente o meio. Desta forma, se pode compreender que o sujeito está no mundo, mas, o mundo está no sujeito, em uma relação recíproca de constitucionalidade (auto-eco-organização).

#### **4 DEBATES E BRASÕES ELABORADOS NO GRUPO DE AUTOFORMAÇÃO**

A atividade relatada a seguir aconteceu no dia 09 de maio de 2023, junto ao GRUPEE (Grupo de Estudos de Educação Emocional). Em uma sessão online, que teve a duração de aproximadamente 1 hora propôs-se trabalhar com uma ferramenta digital, o Canva. Um link foi disponibilizado anteriormente aos investigadores para que conhecessem antecipadamente esta ferramenta digital.

Os 19 participantes, distribuídos em 5 grupos em 5 salas virtuais simultâneas, tiveram 15 minutos para concluir a atividade do brasão.



As figuras seguintes (figuras 2 e 3) são exemplos dos brasões elaborados pelos grupos.

Figura 2 – Exemplo de brasão 1



Fonte: própria.

Figura 3 – Exemplo de brasão 2



Fonte: própria

Algumas das reflexões elaboradas nos grupos sobre o tema da violência e conseqüente armamento nas escolas foram as seguintes:



[...] com relação aos valores na esfera profissional tem dois aí que eu particularmente não abro mão, que é a responsabilidade, que vem da palavra resposta, responder ao outro... e a justiça... que está ligada a ideia de virtude, né? (E.)

A escuta... nos dias de hoje, sem a questão da escuta nós não conseguimos também trabalhar esta dimensão mais ética, né, no nosso dia a dia... (L.).

E eu acrescento diálogo, esse espaço para dialogar, eu noto pelas minhas crianças, quando eu dou espaço para elas falarem sobre o que elas estão sentindo, muda o dia, sabe? Muda a nossa tarde... faço uma roda de conversa... agora que teve esses ataques à escola eu escutei bastante eles, e eles tinham bastante receio... (M.).

Eu acho que o que está em jogo é a desvalorização da educação! A escola virou o tiro ao alvo!

A escola como um espaço de desenvolvimento, de crescimento, de aprendizagem, que está em jogo!

Após os 15 minutos, na volta para a sala virtual inicial, iniciou-se o compartilhamento das imagens e reflexões produzidas concomitantemente pelos grupos.

Para Baptista (2005) a importância da interrogação do tipo filosófica no cotidiano de cada pessoa significa abrir a vida para a aventura da liberdade, do inconformismo, e da não indiferença. Neste grupo dedicado às emoções e à docência, procurou-se fazer uma ponte entre emoções e ética, em uma situação difícil e complexa, onde as emoções são um paradigma para refletirmos do ponto de vista ético e assim auto-eco-organizado ajudar a pensar e a agir.

A oportunidade de exercer a criticidade frente às situações, a necessidade de se fazer pontos de tensão em assuntos difíceis e sensíveis, e a criatividade para saber o que fazer frente a essas demandas permitiu articular estratégias criativas para enfrentar e subverter a cultura do medo, a lógica da educação antiemocional (Cassasus, 2009), que tenta subverter o símbolo de lugar seguro que a escola representa para a comunidade escolar. A escolha do símbolo da balança se relaciona com o equilíbrio entre emoção e escolhas e decisões que se precisa fazer, pautados na ética e na empatia.



Nessa direção o grupo ressaltou 5 (cinco) pontos a se considerar relevantes no processo do ser docente: a). Não a escuta do ponto da polidez, mas a escuta inteligente, atenta, sensível. b) Pensar em soluções de forma coletiva, e não individualista, para alcançar resultados para a coletividade. c) A importância do inconformismo, aliado à criticidade, mas com o objetivo de encontrar soluções, e não apenas criticar por criticar. d) A desconfiança de que os ataques à escola foram intencionais para gerar o medo, alimentar a cultura do medo, e estimular e justificar a presença de armas na escola. e) Cuidar de si e do outro, não delegar este cuidado primário às pessoas e instituições alheias ao ambiente escolar.

## 5 DISCUSSÃO DE RESULTADOS

A profissão docente, quando analisada pela ótica do exercício educacional num contexto de extrema radicalização política como é o caso do momento atual, vê-se quase que alijada no seu ofício de “tornar o outro um sujeito do seu próprio pensamento”, portanto, sujeito livre, como propõe Baptista (2005), rotulada de progressista, esquerdista, comunista.

No entendimento de que a premissa básica do ser educador(a) é reunir habilidades e competências para construir sujeitos pensantes e livres, para tanto, requer um pressuposto deontológico que possa nortear a conduta e a profissão do docente, o que Baptista (2005, p. 07) denominou de ética das relações para “interpelação à razão pedagógica”.

A discussão da educação como compromisso ético pautado por Baptista (2005) tem provocado e neste caso provocou no Grupo de Pesquisa (GRUPEE) cujo enfoque do mesmo é a Educação Emocional e Docência Escolar, o estudo da Deontologia como pressuposto ÉTICO na profissão docente, valendo-se na ocasião da temática armamentista nas portarias escolares, como fator de (in)segurança.

Urge observar na atualidade que a Docência Escolar vem sofrendo ano-a-ano reveses, no seu exercício de educar, bem como, na construção de políticas públicas



que evocam o processo educativo, devido uma série de fatores, dentre eles destaca-se: a) políticas de educação retrógradas à perspectivas do século XXI, além de decisões equivocadas neste caso em questão - a política do armamento nas escolas e depreciação salarial da categoria cujos sujeitos do processo não são ouvidos; b) formação pedagógica centrado no viés do transmitir conhecimento onde o estudante deixa de ser sujeito da educação; c) perda do mais nobre tesouro na arte de educar - olhar para o educando como sujeito pensante, livre e ético; d) abolição do currículo escolar das disciplinas chamadas humanas como é o caso da sociologia e da filosofia e atualmente das ciências da mente (neurociências), substituídas por teorias tecnicistas; e) leis que regem o cotidiano educacional sem a participação da categoria que a representa, além da desconstrução do papel do professor como importância social.

Neste universo de incertezas, inquietudes e imprevisibilidade, uma pergunta que subjaz e norteou os brasões refletidos pelo grupo e aqui apresentada é: o que significa ensinar-aprender, aprender-ensinando no contexto escolar atual?

Assim sendo, as incertezas e as inquietudes, inerentes à natureza do ato de educar, dado a educação não ser algo pronto, acabado (Morin, 2005) por si só já são um desafio, o que torna a docência escolar uma profissão que precisa se reinventar cotidianamente através da formação continuada desafiando o educador(a) a tomar um posicionamento político-educacional com relação às políticas públicas, o que requer a construção ou resgate da ética na educação e na profissão docente.

Nesse sentido, buscou-se em Edgar Morin (2005; 2007), o conceito de auto-eco-organização como meio pelo qual o educador se relaciona com a topografia onde atua, para equacionar o papel deontológico na docência escolar, como pressuposto ético, mas também correlacionar com o drama emocional dos docentes frente tramitação da proposta de lei do armamento nas escolas – PL nº 1.449/2023, e outras que retrocedem a educação no país.

Observando os apontamentos dos brasões, verifica-se que a docência escolar precisa repensar suas estratégias e suas ações no que diz respeito a inclusão na



grade escolar da chamada “nova ciência” como é o caso das neurociências (Damásio, 2018; Lipton, 2007; Goleman, 2012; Grisa, 2014).

Valendo-se do pensamento de Loss (2017, p. 07) “[...] no qual todos são tocados e convidados a libertar-se do embrutecimento”, logo o ato de cuidar, cuidar de quem cuida é uma forma de investimento humanístico.

Nessa direção, além de discutir medidas preventivas envolvendo a comunidade escolar, o que é importante para o cidadão, constituir escolas dignas de profissionais competentes e comprometidos com o ofício de educar e auto-eco-organizados pautados por formação permanente, continuada é tarefa indispensável dos processos educativos.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar o processo da formação continuada na docência escolar, tendo como pressuposto a ética nas relações, demonstra ser algo inédito, o que na verdade não o é, trata-se de buscar assim como foi feito nesse texto, as marcas, as pegadas de muitos pensadores da educação, sobretudo relativos à dialética do pensar a educação (Freire, 1987; 1996), aos saberes indispensáveis para uma educação do futuro (Morin, 2001; Morin, 2005; Morin, 2007), o dar rosto à educação (Baptista, 2005), a educação emocional e antiemocional (Casassus, 2009), a biologia da crença (Lipton, 2007) a inteligência emocional (Goleman, 2012) bem como, o jogo e a estrutura das personalidades (Grisa, 2014).

Desvelar um ser humano integral e uma educação empoderadora e deontológica, sobretudo nestes tempos, dado a educação não ser algo pronto, acabado, mas uma construção dialógica-ética (sujeito que aprende-ensinando-ensinando-aprende), caberá à docência escolar sobretudo na formação continuada com base na sugestão de Loss (2017) aprofundar o “autoconhecimento” dissipando as sombras do subconsciente elevando a relação inter e intrapessoal nos “níveis éticos necessários” para uma educação do presente e futuro que aponta Morin(2001).



Essa arte popular, que cabe no âmago da axiologia pedagógica – gente cuidando de gente – não exclui a organização, responsabilidade e a ética nas relações interpessoal e profissional, pelo contrário, docentes mais auto-eco-organizados tornam o aprendizado e a práxis educativa um ato axiológico (Baptista, 2005).

Contudo, todos os autores aqui representados nada mais fazem do que uma releitura a partir de sua área (topografia de atuação) a respeito do ser humano e seu desenvolvimento, apontando cenários e caminhos para uma efetiva e duradoura humanidade educacional, pois para estes a educação transcende ao mesmo tempo os “muros escolares” refletindo-se no cotidiano social. Nesse sentido, a comunidade escolar deveria ser o centro incubador de política sócio-educativa e cultural e não a receptora de ordenamentos jurídicos e decisões governamentais apenas. Urge reclamar uma política educacional onde o agente é o educador e não o Estado.

Goleman (2012) aponta com propriedade os prejuízos pessoais e sociais do que chama de "analfabetismo emocional" (expressão utilizada por ele para referir-se à falta de conhecimento e de gestão sobre as emoções) o que associa à dificuldade de socialização, ansiedade, dificuldade de atenção e aprendizagem, evasão escolar, dependência química, delinquência, agressividade, depressão, infelicidade, extremismos características que evidenciam o cotidiano social na da rede escolar no país.

Portanto, Morin (2010, p. 199) observa que se faz “necessário romper com o que gera incapacidade de organizar o saber disperso, fragmentado [...] simplista”. Ao mesmo tempo reforça que “a ética não poderá ser ensinada por meio de moralismos, antes, deve formar-se nas mentes com base na nova consciência de que o ser humano é ao mesmo tempo, indivíduo, parte da sociedade, parte da espécie” (Ibidem, 2001, p. 17).

Nessa direção, a educação do século XXI deve se propor em garantir que o ser humano seja visto, acolhido, compreendido na complexidade, para além do seu contexto social, político e econômico. Segundo Morin (2011, p. 54) “a educação do futuro deveria mostrar e ilustrar o destino multifacetado do humano: o destino da



espécie humana, o destino individual, o destino social, o destino histórico, todos entrelaçados e inseparáveis”. Logo pensar que legisladores decidam pelo ato axiológico de educar, submetendo a educação e seus processos aos seus ímpetos, já são suficientemente sinal da decadência ética e moral nos ambientes.

## REFERÊNCIAS

BASCO, Louis; COTE, Fabienne. *Accompagner l'étudiant dans la construction de sa personne par l'utilisation du blason d'André de Peretti*. In: LANI-BAYLE, Martine (sous la Direction) *André de Peretti. Regards croisés sur l'homme aux mille et un rebondissement*. Paris: L'Harmattan, 2011, p. 69-74.

BAPTISTA, Isabel. **Dar rosto ao futuro: a educação como compromisso ético**. Porto: Profedições. 2005.

CAETANO, Ana Paula. Narrativas de inclusão e indignação em tempos de 'pós-pandemia': educação emocional no ensino superior. In: LOSS, Adriana Salete; GALLERT, Claudia; GÓES, Eliane Pinto (Eds.). **Consciencializar, incluir e humanizar no ensino superior**. Campo Mourão: Editora Fecilcam, 2023.

CASASSUS, Juan. **Fundamentos da Educação emocional**. Brasília: UNESCO, Liber Livro Editora, 2009.

DAMÁSIO, António. **A estranha ordem das coisas**. RJ: Cia das Letras, 2018.

MARQUES, Décio Azevedo; ALVES, Leila Maria. **Problemas vividos pela escola pública: do conflito social aos conflitos funcionais (uma abordagem sociológica)**. Linhas Críticas, [S.l.], v. 10, p. 165 – 182, 2004. DOI: 10.26512/lc.v10i19.3200. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/3200>. Acesso em: 8 fev. 2025.

FONSECA, V. d. Importância das emoções na aprendizagem: uma abordagem neuropsicopedagógica. **Revista da Associação Brasileira de Psicopedagogia** [online]. vol. 33, n.102, pp. 365-384, 2016. ISSN 0103-8486.



---

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Ed. Paz e Terra, Petrópolis, RJ, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários para a prática educativa, Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1996.

GOLEMAN, D. **Inteligência Emocional. A teoria revolucionária que define o que é ser inteligente**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

GRISA, A. P. **O Jogo e a Estrutura das Personalidades**. 8a ed. Edipappi, 2014.

SOARES, J. **Os jovens mudaram e a escola não acompanhou**. Entrevista com Miriam Abramovay. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/587520-os-jovens-mudaram-e-a-escola-nao-acompanhou-entrevista-com-miriam-abramovay>. Acesso em 07 mar 2023.

LIMA DIAS, S. M. Dar rosto ao futuro: a educação como **compromisso ético**. **Educação em Perspectiva**, Viçosa, v. 3, n. 1, p. 252-255, jan. /jun. 2012.

LIPTON, B. H. **A biologia da crença: ciência e espiritualidade na mesma sintonia**: o poder da consciência sobre a matéria e os milagres. 1. ed. São Paulo: Butterfly Editora, 2007.

LOSS, A. S. **O caminhar para cuidar de si, cuidar do outro e cuidar do profissional** - Reflexão dos processos auto formativos na formação de professores\educadores do Brasil e de Portugal. vol. III. Curitiba: CRV, 2017.

LOSS, A. S; LYRA, R. L. **Educação emocional e profissão docente**. Processos autoformativos. Curitiba: CRV, 2023.

MONTEIRO, A. R. **Educação e Deontologia**. Forte da Casa: Escolar Editora, 2004.

MONTEIRO, A. R. **Deontologia das Profissões da Educação**. Coimbra: Edições Almedina, 2005.



---

MORIN, E. **Os meus demônios**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 4. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2001.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MORIN, E. **O Método I: a natureza da natureza**. Porto Alegre: Sulina, 2002a.

MORIN, E. **O Método II: a vida da vida**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2002b.

MORIN, E. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Trad. Eliane Lisboa, Ed Sulina, Porto Alegre -RS, 2005.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2010.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. rev. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2011.

PEREIRA, S. P. **A Natureza Inconsciente das Emoções**. Santa Maria, RS: Ed. ITPH, 2007.

WAQUIL, M. P. **Princípios da pesquisa científica em ambientes virtuais de aprendizagem: um olhar fundamentado no paradigma do pensamento complexo**. 2008. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/13729>. Acesso em: 14 fev. 2023.

Recebido em: 17-05-2024

Aceito em: 09-01-2025

